



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.117.A007>

Reflexões metodológicas do pesquisar em isolamento social: um relato de experiência

Methodological reflections on research in social isolation: an experience report

Victor Hugo Belarmino
Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi
<https://orcid.org/0000-0002-4102-3351>
victorbelarmino1992@gmail.com

Magda Dimenstein
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
<https://orcid.org/0000-0002-5000-2915>

Jáder Ferreira Leite
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
<https://orcid.org/0000-0002-6045-531X>

Resumo

Este artigo parte de uma pesquisa de doutorado em Psicologia sobre as experiências urbanas de gays afeminados, desenvolvida entre os anos 2019 e 2023, a qual se viu fortemente impactada pela irrupção da pandemia e desenvolvida em momentos críticos de isolamento físico e social. Pretende-se discutir as discontinuidades vividas em relação ao itinerário da investigação previamente estabelecido, bem como apresentar os desafios e as saídas encontradas para contornar as dificuldades que se impuseram nesse período. Para isso, serão descritos o passo a passo metodológico, as ferramentas utilizadas, as estratégias de escolha e de aproximação dos participantes e de análise dos dados, intencionando contribuir com reflexões e alternativas para os estudos queers, especialmente no campo da Psicologia. Entretanto, para além da contribuição em termos do estabelecimento de rotas de pesquisa, pretende-se pensar nas potencialidades abertas em termos da pesquisa-intervenção em Psicologia.

Palavras-chave: *Pesquisa-intervenção; psicologia; pandemia; experiência urbana; gays afeminados.*

Abstract

This article is part of a doctoral research in Psychology on effeminate gay urban experiences, developed between 2019 and 2023, which was strongly impacted by the outbreak of the pandemic and developed in critical moments of physical and social isolation. It is intended to discuss the discontinuities experienced in relation to the previously established investigation itinerary, as well as to present the challenges and solutions found to overcome the difficulties that were imposed during this period. For this, the methodological step-by-step, the tools used, the strategies for choosing and approaching the participants and data analysis will be described, intending to contribute with reflections and alternatives for queer studies, especially in the field of Psychology. However, in addition to the contribution in terms of establishing research routes, it is intended to think about the open potentialities in terms of intervention-research in Psychology.

Keywords: *Intervention research; Psychology; Pandemic; Urban experience; Effeminate gays.*

Resumen

Este artículo forma parte de una investigación doctoral en Psicología sobre experiencias urbanas gay afeminadas, desarrollada entre 2019 y 2023, que estuvo fuertemente impactada por el estallido de la pandemia y se desarrolló en momentos críticos de aislamiento físico y social. Se pretende discutir las discontinuidades experimentadas en relación al itinerario de investigación previamente establecido, así como presentar los desafíos y soluciones encontradas para superar las dificultades que se impusieron durante este período. Para ello, se describirá el paso a paso metodológico, las herramientas utilizadas, las estrategias de elección y acercamiento de los participantes y el análisis de los datos, pretendiendo contribuir con reflexiones y alternativas para los estudios queer, especialmente en el campo de la Psicología. Sin embargo, además del aporte en cuanto a establecer rutas de investigación, se pretende pensar en las potencialidades abiertas en cuanto a la intervención-investigación en Psicología.

Palabras clave: *Investigación-intervención; Psicología; Pandemia; Experiencia urbana; Gays afeminado.*

Introdução

A necessidade de reinvenção metodológica das pesquisas em função da pandemia da Covid-19 foi sentida por praticamente toda a comunidade científica e acadêmica, tanto no Brasil quanto no mundo. Segundo Candido *et al.* (2021), a exigência de isolamento social alterou as rotinas de trabalho acadêmico de diferentes áreas, provocou a limitação de uso dos espaços universitários e alterações nos locais tradicionais de desenvolvimento de pesquisas. As investigações nas áreas das Humanidades e de cariz qualitativo vivenciaram desafios ainda maiores para conduzi-las de forma virtual e remota (Oliveira, 2021).

Dentre os inúmeros desafios e dificuldades detectadas, estudos recentes apontam para os impactos na saúde física e mental dos pesquisadores, a diminuição do ritmo e da produtividade acadêmica (Rollo & Bottega, 2021); o baixo acesso às tecnologias e à conectividade com a internet – tanto dos pesquisadores, quanto dos participantes/sujeitos da pesquisa (Schlegel *et al.*, 2021; Schmidt *et al.*, 2020); a hibridização dos espaços de lazer, trabalho e descanso e a dificuldade de conciliar atividades e o empobrecimento do contato com o outro (Serrati & Fernandes, 2020); e a manutenção do rigor metodológico e ético (Schlegel *et al.*, 2021).

A pesquisa de doutorado que orientou a escrita deste artigo (aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, DAAE: 38143220.7.0000.5537), como tantas outras, foi também impactada pela irrupção da pandemia, realizada nos momentos mais críticos de intenso confinamento e isolamento físico. A confirmação dos primeiros casos de infecção em território brasileiro e sua rápida propagação durante os anos de 2020 e 2021 tornou o projeto inicial da tese completamente inviável.

Entretanto, as dificuldades experimentadas, especialmente metodológicas, não podem ser descoladas do tema investigado que, por si só, exige outros “modos de ‘fazerpensar’ e criar conhecimentos nos cotidianos, autônomos e distintos dos modos de fazer, pensar e sentir legitimados pela ciência” (Santos *et al.*, 2020, p. 9). Trata-se de uma pesquisa sobre homens gays afeminados e sua experiência urbana nos espaços da cidade, cuja hipótese central girou em torno da ideia de que a afeminação é um marcador social

da diferença e fator de vulnerabilização da experiência urbana desses sujeitos, na medida em que gera desigualdades, discriminação e preconceitos na sociedade e entre as pessoas pertencentes ao universo LGBTQIA+ (Lésbica, Gay, Bissexual, Transsexual/Travesti, Queer, dentre outras possibilidades).

Apesar dessa vulnerabilização, há uma grande lacuna no campo de estudos sobre experiências urbanas gays acerca das performances gays afeminadas, suas intersecções aos marcadores sociais da diferença e ao cotidiano vivido (Belarmino & Dimenstein, 2021). Em razão disso, o projeto inicial da pesquisa, anterior à pandemia, previa variadas estratégias qualitativas e participativas de produção de dados. Havia o interesse em manter um contato frequente e prolongado com o campo, com os fenômenos sociais e com os sujeitos investigados, envolvendo a cotidianidade/práticas ordinárias do(s) indivíduo(s), ou seja, pretendia-se acessar os espaços da cidade frequentados por homens gays afeminados para encontrar-se e permanecer na companhia de outros gays e da comunidade LGBTQIA+, estreitar relações e aproximar-se das experiências vividas na cidade, aspectos esses que aproximavam o investimento inicial da pesquisa à uma proposta de etnografia (Magnani, 2009).

Nesse sentido, alguns espaços foram previamente escolhidos para viabilizar o trabalho de campo da pesquisa tais como os estabelecimentos comerciais e circuitos de consumo – bares, boates, saunas e festivais; espaços virtuais – salas de bate papo e aplicativos geolocalizados de encontro; e espaços públicos da cidade – ruas, becos, praias e praças, identificados como estratégicos e necessários de serem transitados pelo pesquisador, na medida em que permitiriam uma aproximação às interações entre os sujeitos e às suas experiências com a cidade, por vezes, mediadas pelo sexo, fruição e lazer (Belarmino & Dimenstein, 2021).

Em razão disso, o delineamento metodológico inicial, de acordo com as perspectivas qualitativas de pesquisa sobre as experiências urbanas na contemporaneidade, contemplava a observação sistemática desse público na cidade, seus movimentos, obstáculos percebidos, afetos sentidos, enfim, como se dava a relação corpo-cidade. Entretanto, com a chegada da pandemia e a consequente restrição de circulação e contatos sociais impôs-se a questão: como pesquisar sobre a cidade e sobre a experiência urbana sem circular e interagir com as pessoas na cidade? A etnografia

nesse cenário precisaria ser revista e novas estratégias metodológicas precisariam ser feitas.

Objetivos

Este artigo, recorte da tese, objetiva apresentar as rotas alternativas de investigação que foram sendo delineadas em meio a esse cenário inusitado que forçou deslocamentos não apenas metodológicos, mas em todo o processo de pesquisar. Tal como vários estudos que passaram a problematizar as repercussões da pandemia para a pesquisa no âmbito das ciências humanas (Oliveira, 2021), pretende-se compartilhar os desafios do processo de investigação – que precisou ser reinventado – e as potencialidades abertas na pesquisa-intervenção em Psicologia, a qual possui estatuto epistemológico e metodológico próprio fortemente influenciado pelos movimentos institucionalistas, pautados na crítica radical aos modos tradicionais de se fazer pesquisa e produzir conhecimento (Passos & Barros, 2015).

Método

Descontinuidades e reconstrução do plano de investigação

Como dito anteriormente, a pesquisa contava com algumas etapas metodológicas previamente definidas que foram sofrendo alterações com a chegada da pandemia. Originalmente, foi estruturada em torno de dois eixos: Cidade e Cotidiano e Cidade e Homossociabilidade. Contudo, um terceiro eixo emergiu a partir de várias questões impostas pela pandemia que transversalizavam o objeto de pesquisa, abrindo a pesquisa para novos desafios epistemológicos e metodológicos. Assim, foi proposta uma nova via de problematização intitulada Cidade, Virtualidade e Efeitos do Isolamento Social.

No primeiro eixo, voltado à relação homossexualidade, cidade e cotidiano, o foco de análise voltou-se para a vida cotidiana – lugar onde a sociedade adquire existência concreta e estrutura as regras de convívio. Cotidiano é compreendido tanto como campo de repetição de hábitos e do estabelecido, quanto campo de tensão e de crítica em relação ao tempo contemporâneo, “como uma plataforma de fomento e expressão de micropolíticas de resistência” (Almeida, 2013, p. 169). Nessa perspectiva, os gays

afeminados inquietam e desestabilizam as estruturas hierarquizadas e os lugares normativos da sociedade, sendo alvos constantes de desqualificação e preconceito (Belarmino *et al.*, 2022).

Esses atores vão produzindo no cotidiano modos de sociabilidade gay próprios, aspecto que compõe o segundo eixo de investigação da tese focado na relação Cidade e Homossociabilidade. A literatura científica que trata das sociabilidades gays, concentra-se nos aspectos interacionais entre os corpos situados em um determinado espaço – os sistemas de códigos utilizados, comportamentos, regras e normas que organizam as relações entre os indivíduos (Belarmino & Dimenstein, 2021). Contudo, as sociabilidades gays não consistem em encontros mediados unicamente com o intuito de praticar sexo, mas a partir de uma pluralidade de possibilidades com propósitos igualmente diversos que envolvem relações de amizade, encontros afetivo-românticos, movimentos micropolíticos de (auto)afirmação e de expressão de si. Ou seja, a criação de laços de sociabilidade, por vezes, iniciada através de um interesse afetivo-sexual, não se restringe a tal. Os encontros gays na cidade devem ser vistos de forma mais ampliada, enquanto investimentos coletivos, plurais e afetivos, produtores de laços de pertencimento (Nogueira, 2019).

Por último, o terceiro eixo de problematização da tese foi aberto voltado à relação entre Cidade, Virtualidade e Efeitos do Isolamento Social. O contexto de restrição imposto pela pandemia reverberou no cotidiano e nos modos de apropriação dos espaços da cidade e nas relações entre os sujeitos, fortalecendo modos de sociabilidade como os virtuais-digitalizados. Assistiu-se o interesse crescente por compreender as variadas implicações biopsicossociais da pandemia na vida das pessoas. Nessa direção, havia o interesse em conhecer as repercussões do isolamento e da virtualização da vida nas experiências cotidianas de homens gays, assim como na sua saúde mental, pois tal como indicado em Dimenstein *et al.* (2020), foi uma das dimensões da vida mais fortemente afetada.

Redesenhando o campo de pesquisa

Nos meses iniciais da pandemia pensou-se em desenvolver uma “etnografia virtual”, procurando nas redes virtuais (Instagram, Facebook e Twitter), as quais

ganharam uma importância sem precedentes na vida cotidiana, observar indícios daquilo que se esperava identificar e compreender por meio da presença física nos espaços da cidade. No entanto, uma vez que a restrição social gerou não só o empobrecimento da experiência urbana coletiva, mas também impactou os modos de produzir e postar conteúdos nas redes virtuais – conteúdos esses que não refletiam as experiências urbanas que se pretendia observar, mas, sim, o cenário predominante do espaço doméstico e do isolamento social – optou-se por abandonar a proposta de uma etnografia virtual e investir na produção discursiva e nas narrativas produzidas pelos sujeitos sobre o fenômeno investigado com uso de ferramentas virtuais e remotas.

O uso de *surveys* e de estratégias de comunicação digital na Psicologia não se configuram mais como uma novidade nessa última década, como o uso de questionários eletrônicos e de entrevistas realizadas virtualmente. Entretanto, muitas pesquisas em Psicologia não são planejadas para utilizar esse tipo de ferramenta, que possui particularidades em sua elaboração e limitações quanto ao seu alcance, como será tratado mais adiante. No caso dessa investigação, com base em um elenco de questões previamente delimitadas a partir dos estudos teóricos sobre o objeto de pesquisa (experiência urbana gay), e que serviriam de disparadores para o trabalho de campo e interação com os sujeitos da pesquisa, construiu-se um formulário eletrônico com questões de múltipla escolha tentando abarcar os três eixos mencionados anteriormente. O formulário foi composto por 51 questões: 9 perguntas relativas ao perfil dos respondentes, 13 referentes ao eixo Cotidiano, 18 referentes ao eixo Sociabilidade e 11 referentes ao eixo Efeitos do Isolamento Social.

Utilizou-se os seguintes critérios de inclusão: identificar-se gay cisgênero, residir em Natal ou na região metropolitana, ter mais de 18 anos e consentir participar da pesquisa. Essa circunscrição territorial do campo de investigação em torno de Natal e região metropolitana se justificou pela proximidade do pesquisador (primeiro autor deste texto) com os espaços e estabelecimentos frequentados pela comunidade LGBTQIA+ existentes nessa região, sobretudo na capital Natal, os quais atraem frequentadores não só de Natal, mas também de municípios vizinhos. Nessa primeira etapa realizou-se a divulgação do *link* de acesso ao Formulário Eletrônico nos principais sítios da internet

voltados para a comunidade LGBTQIA+ de Natal, além de grupos de Whatsapp por iniciativa dos próprios respondentes.

Em um período de um mês, 240 indivíduos responderam ao Formulário Eletrônico, dentre os quais 80 sujeitos informaram seus dados de contato e demonstraram interesse em continuar participando da pesquisa. Eles foram convocados para uma segunda fase que consistiu na aplicação do SRQ-20 – um instrumento de rastreio de Transtornos Mentais Comuns composto por 20 questões do tipo sim/não, divididas em quatro fatores: humor depressivo/ansioso, sintomas somáticos, decréscimo de energia vital e pensamentos depressivos. Essa etapa também não estava inicialmente prevista, porém como os impactos psicossociais à saúde mental provocados pela pandemia ainda estavam sendo investigados em nível mundial, apresentando-se como uma lacuna no conhecimento, sentiu-se a necessidade de investigar mais detidamente a situação de saúde mental dos participantes desse estudo.

Dentre os primeiros resultados publicados na comunidade científica a pesquisa multicêntrica conduzida por Gato *et al.* (2021) revelou que indivíduos LGBTQIA+ compõem um dos grupos que mais tem sofrido efeitos adversos na pandemia. Aponta que, dentre as minorias sexuais, a capacidade de manter distanciamento social, o acesso aos produtos higienizadores, ao emprego e à conectividade à internet (Drabble & Eliason, 2021) foram bem menores. Diversos autores concordam que, comparativamente às maiorias sexuais, indivíduos LGBTQIA+ apresentam índices maiores de sofrimento mental, sobretudo, durante a pandemia (Drabble & Eliason, 2021; Gato *et al.*, 2021). A aplicação do SRQ-20 foi feita, assim como o Formulário Eletrônico, por meio do *Google Forms*, sete meses após a coleta do Formulário Eletrônico.

Os dados do SRQ-20 foram armazenados no mesmo banco de dados do Formulário Eletrônico, cujos resultados foram codificados, categorizados e armazenados, utilizando-se o *Statistical Package for the Social Sciences*, vigésima terceira versão (SPSS-23). Isso permitiria futuramente dar seguimento a uma análise mais complexa e multidimensional articulando diferentes variáveis delimitadas de acordo com a base epistemológica do projeto, ancorado nos estudos de sexualidade e gênero e na perspectiva interseccional.

Dentre os 80 sujeitos que concordaram em participar de várias etapas da pesquisa, 32 participantes se identificaram, em algum nível, como “afeminados”. Na sequência, contactou-se apenas esses 32 sujeitos auto identificados afeminados que tinham disponibilizado contato, dos quais oito (8) consentiram participar da terceira fase da pesquisa, cujo objetivo era aprofundar a análise sobre as experiências urbanas de gays afeminados.

Essa etapa consistiu em entrevistas virtuais semiestruturadas pelo Google Meet, realizadas em março de 2021, as quais exploraram os três eixos principais da pesquisa (cotidiano, sociabilidade e isolamento social), aprofundando a compreensão de alguns dados que se destacaram no Formulário, porém, focalizando o grupo dos gays afeminados. Tiveram duração média de uma hora, foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Já em 2022, com o abrandamento das restrições e com o processo avançado de vacinação, foi possível retomar estratégias metodológicas que exigiam contato presencial previstas no projeto. Tal retomada se mostrou necessária visto que, como se discutirá adiante, as etapas remotas da pesquisa foram atravessadas pela baixa representação de gays afeminados periféricos, de cor/raça preta, com menor renda e escolaridade – aspectos que limitaram as análises interseccionais. O interesse era promover um grupo de conversa, técnica de pesquisa que diferencia-se de outras propostas grupais por permitir maior flexibilidade temporal (fugacidade ou durabilidade das interações); maior flexibilidade espacial (pode ser desenvolvido nos mais diferentes lugares); diversidade na composição dos participantes (número, idade, sexo e condição social); e informalidade da conversa, em que os participantes desvinculam-se de linguagens ligadas a estratos sociais específicos (Menegon, 2013).

A partir dos grupos de conversa, objetivou-se acercar-se das experiências urbanas vividas por cada sujeito. Para tanto, mais um desafio se apresentou: reconectar os participantes após um intervalo de 18 meses, a contar da segunda etapa da pesquisa de aplicação do SRQ-20. Dos 32 sujeitos gays afeminados que haviam informado dados de contato no Formulário Eletrônico, apenas um consentiu em participar da última etapa da pesquisa. Diante de tal situação, era preciso encontrar novos participantes. Entrou-se em

contato com o Centro de Cidadania LGBT de Natal – equipamento público mantido por esforço conjunto de diferentes secretarias da prefeitura da cidade.

Por meio desse contato com o Centro, cinco (5) sujeitos integraram os dois momentos de encontro: o primeiro realizado no período da manhã, com 3 integrantes (sem contar o pesquisador); e o segundo realizado no turno da tarde, com 2 integrantes (sem contar o pesquisador). Esses encontros presenciais foram realizados no segundo semestre de 2022, de forma presencial, ainda assim, com uso de medidas como uso de máscara. Tiveram duração média de 1 hora e meia e foram gravados em áudio.

Em relação à análise do conjunto de dados produzidos, procedeu-se da seguinte forma: quanto às ferramentas quantitativas, que correspondem ao formulário eletrônico e ao SRQ-20, realizou-se uma análise estatística descritiva. A escolha pela não utilização de testes estatísticos se deveu a dois motivos principais: (1) pela homogeneidade da amostra alcançada, o que dificultou análises bivariadas consistentes; e (2) porque conferiu-se maior centralidade aos dados qualitativos produzidos pela pesquisa. Já o tratamento dos dados qualitativos – das ferramentas entrevista e grupo de conversa – foi feito a partir da modalidade de Análise Temática (Souza, 2019), procedendo os seguintes passos: transcrição, familiarização e codificação dos dados, busca e revisão dos temas à luz da literatura especializada, consolidação dos temas e dissertação dos resultados.

Resultados e Discussão

Tal como indicado na introdução, é de interesse desse último tópico discutir as descontinuidades vividas no itinerário de pesquisa em relação ao que estava previamente estabelecido e pensar nas potencialidades abertas na pesquisa-intervenção em Psicologia com a chegada da pandemia. Em suas diversas concepções, têm em comum o interesse em investigar a vida das coletividades em sua complexidade e diversidade, gerar um conhecimento que esteja permanentemente disponível para todos e que possa servir de instrumento para ampliar a qualidade de vida da população, romper com o entendimento individualista, homogeneizante e normalizador do sujeito e de sua subjetividade (Rocha & Aguiar, 2003).

Todos esses aspectos, de modo algum, perderam importância com os deslocamentos provocados no plano metodológico da pesquisa em função da pandemia. A posição que o pesquisador assume em seu campo de pesquisa, as relações que estabelece com os sujeitos, os efeitos que estas relações produzem em suas observações, a possibilidade de que a análise dos dados seja enriquecida ou deturpada por tais efeitos, tudo isso, tal como alertado pela autora acima, não foi desconsiderado, mas alvo de preocupação constante.

Ainda assim, não resta dúvida que a redefinição metodológica com a chegada da pandemia desestabilizou os esquemas anteriormente construídos, sobretudo, porque se tratava de uma pesquisa qualitativa e participativa interessada em mergulhar na complexidade dos fenômenos estudados, nos territórios de vida das pessoas. Manejar instrumentos que fugiam da lógica anterior foi um desafio teórico-metodológico importante.

A primeira saída encontrada e possível nesse novo cenário consistiu no processo de triangulação metodológica, que compreende o manejo de diferentes ferramentas e a integração de estratégias de coleta e de análise de dados, visando a um entendimento mais alargado do fenômeno estudado (Ullrich *et al.*, 2012). Essa estratégia já é largamente utilizada e conhecida pelos pesquisadores. Todavia, nessa pesquisa, foi uma exigência trazida pela pandemia de colocar em cena novos arranjos e recursos metodológicos. Para tanto, como já apresentado, valeu-se de quatro ferramentas: formulário eletrônico, entrevistas semiestruturadas, SRQ-20 e do grupo de conversa, cada uma dessas ferramentas explorando um ou mais aspectos relativos à experiência urbana gay e afeminada. Portanto, a triangulação tenta preservar a complexidade na leitura dos problemas investigados e “alcançar uma adequada interpretação do contexto problematizador e o aprofundamento de aspectos importantes e elucidadores da realidade pesquisada” (Serapioni, 2000, p. 189).

Paradoxalmente, o desafio imposto pelo isolamento social na pandemia não apenas barrou determinadas trajetórias metodológicas, mas disparou a necessidade de invenção de novas rotas de pesquisa, impondo seu desenvolvimento de forma virtual/remota/online/eletrônica. Ou seja, por um lado, houve uma desestabilização em relação ao que já era conhecido e estava estruturado no manejo metodológico, mas por

outro, fez emergir aspectos novos do processo de pesquisar e abriu janelas inesperadas em uma relação mediada por ferramentas quantitativas e por meios virtuais.

O uso dos meios digitais, indiscutivelmente, promoveu a diminuição dos custos da pesquisa, permitiu atingir um maior número de participantes e foi bem mais flexível em termos de horários e de disponibilidade dos envolvidos. Não é possível desconsiderar esses aspectos, ainda mais em tempos de restrições orçamentárias das universidades públicas, especialmente durante o governo bolsonarista (2018-2022). Entretanto, a intenção de aprofundar o conhecimento de um problema é impactada. Sobre isso, Presado *et al.* (2021) afirmam que a dificuldade de ida a campo afetou a utilização de técnicas que usam a palavra, o olhar e a empatia – aspectos dialógicos e interativos que são indispensáveis à pesquisa qualitativa. Esses autores acrescentam que a existência de uma interface (celular, computador ou tablet) dificulta a construção de uma relação de confiança e empatia, além de que não permitem captar determinados elementos não verbais importantes para a pesquisa, que não são alcançados com profundidade ou na sua totalidade sem a interação face a face, tais como a postura, o gesto e o contexto.

Contudo, apesar dessas plataformas interativas e de contato virtual colocarem o investigador longe do contexto em que ocorrem os fenômenos e com uma visualização limitada dos participantes, essa foi a única forma possível de dar continuidade às pesquisas, adaptando as ferramentas e estratégias, sejam elas na forma de grupos focais, entrevistas, formulários e rodas de conversas para esse novo cenário (Presado *et al.*, 2021). Como afirmam Rollo e Bottega (2021), a distância não é, necessariamente, um elemento novo e, em certa medida, o universo virtual já fazia parte da vida de todos os pesquisadores, contudo, a novidade foi justamente a forma abrupta com que essa adaptação precisou ser feita.

Para além dessa limitação, seja em pesquisas qualitativas, quantitativas, participativas ou não, o recrutamento dos participantes representa uma dificuldade sempre presente. Em relação à escolha dos informantes, de acordo com Minayo (2017), o tamanho da “amostra” deve considerar um conjunto de decisões para além da quantidade de indivíduos que serão alcançados pela pesquisa, mas, sobretudo da “abrangência dos atores sociais, da seleção dos participantes e das condições dessa seleção. Esses elementos precisam ficar claros na metodologia de investigação, pois eles

interferem na qualidade da investigação” (Minayo, 2017, p. 5). Nessa pesquisa, o recorte consistiu em homens gays afeminados, os quais costumam sofrer múltiplas discriminações, seja pela raça/cor, pelo status socioeconômico, pelo espaço na cidade onde ocupam, mas, sobretudo, pela performance que exibem.

Ademais, na fase de recrutamento das ferramentas quantitativas, a imprecisão sobre o número de participantes pode levar a erros amostrais, os quais passam pelo número de participantes insuficiente para a realização de testes estatísticos ou para comparações consistentes entre variáveis; pela ausência de respostas em determinadas questões; pela escolha inadequada dos participantes para o objetivo da pesquisa; o pouco ou nenhum controle sobre quem responde ao instrumento de pesquisa; e pelo perfil de respondentes excessivamente homogêneo ou, de outro modo, excessivamente heterogêneo, situações que dificultam comparações entre diferentes aspectos estudados (Freitas *et al.*, 2000). Tais desafios foram vivenciados em nossa pesquisa na aplicação do formulário eletrônico, especialmente acerca da homogeneidade amostral.

O formulário on-line gerou um perfil de participantes relativamente homogêneo (predominantemente de jovens, ateus, solteiros, de baixa renda e com elevada escolaridade), o que deu indícios de um “erro” do tipo amostral. Alguns fatores que levaram a essa homogeneidade, os quais precisam ser levados em conta por futuras pesquisas realizadas de modo virtual, sobretudo em comunidades e plataformas virtuais, referem-se: ao algoritmo de plataformas como o Facebook e o Instagram, os quais direcionam as postagens para um perfil de sujeitos com interesses e características semelhantes entre si e em relação ao perfil do pesquisador – gerando, assim, um “efeito bolha” (Guedes, 2017, p. 70); à implicação etária na familiaridade com as ferramentas e comunidades virtuais, bem como ao interesse e engajamento de pessoas mais jovens no tema proposto pela pesquisa e pelo papel ativo em comunidades de discussão sobre o tema, sobretudo nos ambientes virtuais – espaços majoritariamente usados pela juventude atual para estabelecer relações afetivas, políticas e movimentos de autoafirmação de identidades (Tomizaki & Daniliauskas, 2018); e ao efeito das desigualdades socioeconômicas no acesso às tecnologias e à conectividade de internet, acesso esse que se mostra incompatível com a realidade de grande parte da população brasileira (Lacerda & Ramalho, 2020).

Um outro ponto central que envolve o tipo de ferramenta da *web survey* é a dificuldade de controle da amostra em relação ao perfil pretendido, ou seja, envolve um viés de autosseleção e a ausência de controle sobre quem responde ao instrumento eletrônico (Carlomagno, 2018). Em nossa pesquisa, ainda que no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tenha sido informado o público-alvo a que se destina a pesquisa, não há como afirmar categoricamente que não houve mulheres, pessoas heterossexuais, dentre outros públicos não-alvos da pesquisa respondendo ao formulário. E, mesmo que se atinja o público-alvo da pesquisa, é possível que, quem decida participar, o faça por um interesse maior pelo tema investigado e represente uma opinião distinta e restrita da população geral (no caso desta pesquisa, o da comunidade gay).

Nesta pesquisa, identificou-se limitações no acesso de participantes para o estudo – sobretudo de negros, com menor escolaridade e moradores de regiões periféricas – uma vez que o acesso à internet é restrito e precário para alguns segmentos da sociedade que enfrentam piores condições gerais de vida e escassez de oportunidades para manejar os efeitos do isolamento. Isso explica, em parte, porque atingiu-se o maior percentual de brancos que de negros; mais moradores da zona sul – zona com melhores indicadores socioeconômicos da cidade; e de pessoas com maior escolaridade, apesar do alto percentual de indivíduos com baixa renda e escolaridade.

Porém, o mais importante a ser destacado, é que esse “erro amostral” e o perfil homogêneo encontrado entre os respondentes do questionário online, longe de ser descartado, foi compreendido como um importante analisador dos marcadores sociais da diferença, da dimensão interseccional que atravessa os corpos que passaram a ocupar majoritariamente os espaços virtuais, antes e durante a pandemia. Ou seja, permitiu a identificação de eixos analíticos importantes para uma compreensão ampliada das experiências urbanas de homens gays. Assim, valer-se de ferramentas quantitativas como as utilizadas em nosso estudo não consiste, necessariamente, tal como situa Romagnoli (2009), em reificar o positivismo, o determinismo e a objetividade do método experimental para, assim, ganhar o status de ciência. Diferente disso, trata-se de dissolver um pouco a fronteira entre as dicotomias clássicas das abordagens quali-quantitativa, permitindo germinar uma pluralidade metodológica.

Outro aspecto desafiador, seja em instrumentos quantitativos ou qualitativos, tem relação com sua extensão. No intuito de abarcar o maior número de aspectos possíveis, o formulário eletrônico utilizado nesta pesquisa ficou muito extenso, o que levou mais tempo para ser respondido pelos colaboradores, gerou mais cansaço e aumentou o risco de repostas apressadas e pouco refletidas. Nas entrevistas, observou-se que a duração média de uma hora foi um tempo suficiente para atingir os tópicos definidos no roteiro, visto que a coleta de dados de forma remota pode causar mais fadiga aos participantes, em comparação à coleta de dados face a face (Schmidt *et al.*, 2020).

Em entrevistas que duravam mais que esse tempo mencionado, notava-se que os participantes davam indícios de cansaço e fadiga. Já em relação ao grupo de conversa, o qual foi realizado presencialmente, a variável “tempo” se mostrou um desafio pela dificuldade em conciliar a disponibilidade dos participantes e os horários que esses tinham livres para integrar o grupo. Isso praticamente inviabilizou a participação de alguns sujeitos que haviam se disponibilizado em colaborar com a pesquisa nessa última etapa.

Um obstáculo especialmente enfrentado pelo pesquisador (primeiro autor) em razão da pandemia, sobretudo por se tratar do estudo sobre a experiência urbana, foi o afastamento das cenas da cidade e o conseqüente empobrecimento do mergulho na experiência urbana. Essa impossibilidade de acessar os fenômenos *in loco* fez com que se recorresse ao registro da memória dos participantes e aos seus relatos visando resgatar as vivências pregressas ao isolamento social. Esse movimento trouxe não só a dificuldade de recordação pelos sujeitos da pesquisa, como também evidenciou a primazia das relações familiares nos discursos, visto que essas relações – homofóbicas e afeminofóbicas – eram o que mais mobilizavam esses sujeitos durante o cenário de confinamento. Mais uma vez, isso se configurou como uma via de redirecionamento do foco da pesquisa, impondo ao pesquisador a necessidade de acompanhar os efeitos do próprio percurso de investigação (Passos & Barros, 2015).

Outro ponto que merece ser futuramente melhor discutido trata do ambiente de realização de entrevistas virtuais. Para alguns participantes, as entrevistas no ambiente doméstico foi uma etapa delicada, visto que encontravam dificuldade em falar abertamente sobre as experiências de violência e estigma na família por serem gays

afeminados, pela possibilidade de os parentes escutarem o teor das conversas. Esse aspecto vai na direção oposta ao que acreditam autores como Schmidt *et al.* (2020) de que as entrevistas virtuais favoreceriam a investigação de tópicos sensíveis, pois os participantes não estariam face a face com os pesquisadores e nem em locais públicos, bem como estariam mais à vontade em participar de um estudo pela conveniência de estar em sua própria casa. Ou seja, encontrou-se nesta pesquisa que o conforto pode dar lugar ao medo quando o ambiente de realização da entrevista coincide com o ambiente onde sofrem preconceitos e violências.

Pesquisar em tempos de pandemia também exigiu repensar questões éticas da pesquisa, indo além dos cuidados relativos já esperados para evitar a contaminação pelo vírus da gripe – lavar mãos, evitar contato físico, usar máscara, álcool em gel etc. Pesquisar de forma remota protegia pesquisador e pesquisado desse risco de contaminação, mas trazia outras questões a serem pensadas como estabelecer uma relação de confiança entre pesquisador-participante, gerando maior senso de segurança e conforto. Enquanto uma pesquisa desenvolvida de forma online, para alcançar maior proximidade e segurança, foram fornecidas aos participantes as credenciais e a foto do pesquisador previamente, por meio de páginas ou perfis exclusivos sobre o estudo na Internet ou em comunidades virtuais, além do uso de uma linguagem não neutra de comunicação científica, tal como recomendaram Schmidt *et al.* (2020).

Isso quer dizer que o pesquisador precisa deixar claro sua intenção com a pesquisa e seu posicionamento ético-político em relação ao objeto de estudo e sua intencionalidade com o manejo da investigação, atitude que indica que o pesquisador está sempre encarnado em uma situação social concreta, acentuando a dimensão política de toda e qualquer investigação, seja ela presencial ou remota. De acordo com as perspectivas interventivas de pesquisa, fica evidente que “o campo de análise se distingue, mas não se separa do campo de intervenção, [...] a análise aqui se faz sem distanciamento, já que está mergulhada na experiência coletiva em que tudo e todos estão implicados” (Passos & Barros, 2015, p. 19).

Um último ponto importante a ser destacado em termos de desafios e potencialidades metodológicas consistiu no manuseio de questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+: trata-se de um campo complexo, em trânsito, em constante

disputa, modificação e eivado de relações de poder. Debater a performance afeminada nesse contexto foi um exercício desafiador pois identificar-se como afeminado pelos participantes mostrou ser um movimento nem sempre espontâneo, evidente e vivenciado pelos participantes de forma homogênea, fácil, sem tensões e sem conflitos externos e internos.

Considerações finais

Não se pode esquecer do cenário que marca a sociedade brasileira: machista, homofóbica, misógina e violenta ao que se mostra diferente e divergente da norma posta. Nesse cenário, a afeminação gay é aquilo que se afasta: seja no plano físico, corporal, seja espacial ou discursivo. Desse modo, para os homens gays, falar sobre a afeminação foi, em alguns casos, um exercício de desconstrução e reconstrução constante, de pôr em análise as linhas de força que moldam sua subjetividade, de dar visibilidade aos marcadores sociais de sexualidade, raça, classe social, dentre outros, os quais são eixos diferenciadores constitutivos dos sujeitos e que transversalizam seu cotidiano, enfim, deparar-se com os “atravessamentos que invadem as subjetividades e atravessam nossos corpos e nossas práticas” (Romagnoli, 2022, p. 10).

Estes movimentos e brechas, seguramente, foram potencializados pela própria pesquisa e deram corpo a uma intervenção, compreendida aqui como produção de acontecimentos (Paulon, 2005). Dessa forma, a possibilidade de contribuir para a criação e reconstrução de modos de subjetivação, de sociabilidades, de entendimento da experiência urbana de homens gays, de reconhecimento de que afeminação não consiste em uma identidade natural, fixa e imutável, mas antes uma performance que transita entre identidades, que desestabiliza diferentes estruturas de gênero e sexualidade, sem dúvida, foram “resultados” alcançados nesse processo de pesquisa.

Referências

Almeida, R. S. (2013). Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 56, 151-172. doi: 10.11606/issn.2316-901X.v0i56p151-172

- Belarmino, V. H., & Dimenstein, M. (2022). Experiência Urbana Gay na Cidade: uma Revisão Sistemática. *Revista Subjetividades*, 21(3), e11461. doi: 10.5020/23590777.rs.v21i3.e11461
- Belarmino, V. H., Dimenstein, M., & Leite, J. F. (2022). Cidade, sociabilidade gay e afeminação: uma experiência interseccional. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, 13(2), 100-120. doi: 10.5212/Rlagg.v.13.i2.0006
- Candido, M. R., Marques, D., Oliveira, V. E., & Biroli, F. (2021). As ciências sociais na pandemia da covid-19: rotinas de trabalho e desigualdades. *Sociologia & Antropologia*, 11(spe.), 31-65. doi: 10.1590/2238-38752021v11esp2
- Carlomagno, M. C. (2018). Conduzindo pesquisas com questionários on-line: uma introdução às questões metodológicas. In T. Silva, J. Buckstegge, & P. Rogedo (Orgs.), *Estudando cultura e comunicação com mídias sociais* (pp. 31-55). Brasília: IBPAD.
- Dimenstein, M., Simoni, A. C. R., & Londero, M. F. P. (2020). Encruzilhadas da Democracia e da Saúde Mental em Tempos de Pandemia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e242817. doi: 10.1590/1982-3703003242817
- Drabble, L. A., & Eliason, M. J. (2021). Introduction to Special Issue: Impacts of the COVID-19 Pandemic on LGBTQ+ Health and Well-Being. *Journal of Homosexuality*, 68(4), 545-559. doi: 10.1080/00918369.2020.1868182
- Freitas, H., Oliveira, M., Saccol, A. Z., & Moscarola, J. (2000). O método de pesquisa survey. *Revista de Administração*, 35(3), 105-112.
- Gato, J., Barrientos, J., Tasker, F., Miscioscia, M., Cerqueira-Santos, E., Malmquist, A., Seabra, D., Leal, D., Houghton, M., Poli, M., Gubello, A., Ramos, M. M., Guzmán, M., Urzúa, A., Ulloa, F., & Wurm, M. (2021). Psychosocial Effects of the COVID-19 Pandemic and Mental Health among LGBTQ+ Young Adults: A Cross-Cultural Comparison across Six Nations. *Journal of Homosexuality*, 68(4), 612-630. doi: 10.1080/00918369.2020.1868186
- Guedes, M. T. (2017). Os impactos do efeito bolha causado pelos algoritmos do Facebook para o direito de resposta. *Boletim Científico ESMPU*, 16(50), 67-85.
- Lacerda, A. & Ramalho, L. (2020). *Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Magnani, J. G. C. (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 129-156. doi: 10.1590/S0104-71832009000200006
- Menegon, V. (2013). Por que jogar conversa fora? In M. J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp. 188-214). Rio de Janeiro: Centro Eldstein de Pesquisas Sociais.

- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12.
- Nascimento, M. L. & Lemos, F. C. S. (2020). A pesquisa-intervenção em Psicologia: os usos do diário de campo. *Barbarói*, 57, 239-253. doi: 10.17058/barbaroi.v0i57.14675
- Nogueira, F. F. V. (2019). *De quem são os lugares na cidade? Entendendo trajetórias gays em Campos dos Goytacazes – RJ* (Dissertação de Mestrado). <https://app.uff.br/riuff/handle/1/21453>
- Oliveira, V. H. N. (2021). Desafios para a pesquisa no campo das ciências humanas em tempos de pandemia da Covid-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 5(14), 93-101.
- Passos, E. & Barros, R. B. (2015). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 17-31). Porto Alegre: Sulina.
- Paulon, S. M. (2005). A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 17(3), 18-25. doi: 10.1590/S0102-71822005000300003
- Presado, M. H., Baixinho, C. L. & Oliveira, E. S. F. (2021). Investigação qualitativa em tempos de pandemia. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74(1), e74Suppl10. doi: 10.1590/0034-7167.202174Suppl101
- Rocha, M. L. & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73. doi: 10.1590/S1414-98932003000400010
- Rollo, R. M. & Bottega, C. G. (2021). Pesquisar em tempos de pandemia: experiência na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. *Revista Mosaico*, 13(21), 5-25. doi: 10.12660/rm.v13n21.2021.84770
- Romagnoli, R. C. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 166-173. doi: 10.1590/S0102-71822009000200003
- Romagnoli, R. C. (2022). Psicologia Brasileira e Políticas Públicas: Capturas e Resistências. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42(spe.), e262850. doi: 10.1590/1982-3703003262850
- Santos, L. B. O., Cruz, A. L. C., & Miranda, P. S. (2020). Processos criativos na produção acadêmica em tempos de pandemia. *Revista ComSertões*, 9(2), 36-53. doi: 10.36943/comsertoes.v9i2.9667
- Schlegel, E. C., Tate, J. A., Pickler, R. H., & Smith, L. H. (2021). Practical strategies for qualitative inquiry in a virtual world. *Journal of Advanced Nursing*, 77(10), 4035–4044. doi: 10.1111/jan.15000

- Schmidt, B., Palazzi, A., & Piccinini, C. A. (2020). Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *REFACS*, 8(4), 960-966. doi: 10.18554/refacs.v8i4.4877
- Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), 187-192. doi: 10.1590/S1413-81232000000100016
- Serrati, C. S. M. & Fernandes, K. C. (2020). O trabalho de pesquisadoras durante a Pandemia da COVID-19: relatos e reflexões de práticas possíveis. *SCIAS*, 2(2), 377-390. doi: 10.36704/sciaseducomtec.v2i2.5084
- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67.
- Tomizaki, K. & Daniliauskas, M. (2018). A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. *Pro-Posições*, 29(1), 214-238. doi: 10.1590/1980-6248-2016-0126
- Ullrich, D. R., Oliveira, J. S., Basso, K., & Visentini, M. S. (2012). Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas: em direção à reflexividade analítica. *Análise*, 23(1), 19-30.